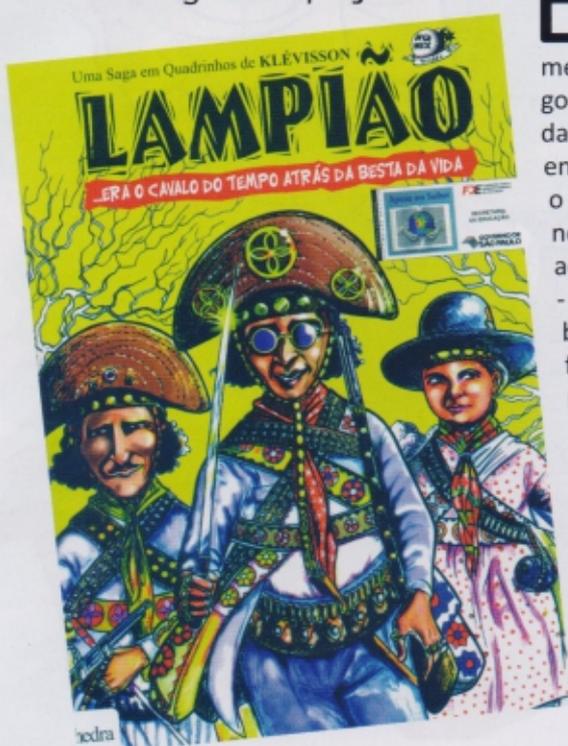




LAMPPIÃO

Saiba mais sobre a premiada HQ que conta a história do maior cangaceiro que já existiu

Por Ivan Zola Peranovich



“Eu sonhei foi diferente com coisa desconhecida/ No sonho eu via dois vultos em carreira desmedida: ERA O CAVALO DO TEMPO ATRÁS DA BESTA DA VIDA.” O verso do falecido poeta de cordel Zé Catota certamente inspirou o escritor e cartunista Antônio Clevisson Viana Lima, vulgo Klévisson, a escrever “Lampião... Era o Cavalinho do Tempo Atrás da Besta da Vida”. A HQ do autor lançada em 1998 rendeu-lhe diversos prêmios, entre eles o HQ Mix de melhor graphic novel daquele ano. A obra, que o autor vê como o “divisor de águas da carreira”, foi incluída há 11 anos no PNDE (Programa Nacional do Livro Didático) e há cinco incorpora o acervo de bibliotecas de escolas públicas - pertencentes ao programa - de todos os estados brasileiros. Através de quadrinhos muito bem elaborados, o escritor cearense buscou retratar em tom ligeiro, a história fiel dos últimos dias do Capitão Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, ícone do Cangaço e da cultura nordestina brasileira.

O Cangaço foi um movimento iniciado no século XIX que se estendeu até o início do século XX no sertão do nordeste brasileiro. Impulsionado por grupos de populares armados revoltosos contra o sistema, que faziam suas próprias leis, este banditismo da época foi fortemente marcado pela violência. Nômades, os cangaceiros causavam verdadeiro terror por onde passavam. Saqueavam cidades, estupravam mulheres, matavam pessoas... Por outro lado há quem os vejam como benfeitores; Lampião - o principal nome do Cangaço - ficou conhecido por muita gente como “Robin Wood do Nordeste”, devido a algumas esmolas que cedia aos mais necessitados e a sua

Em Quadrinhos



afronta ao governo da época. Por quase duas décadas, ele e seu bando deixaram uma marca indelével na história do Cangaço e do Brasil. Vítima de uma emboscada na fazenda de Angicos, em Sergipe, em julho de 1938, Lampião, sua companheira Maria Bonita e parte de seus seguidores foram mortos por uma volante – grupos especiais formados por policiais com intuito de por fim ao Cangaço -, ou “macacos”, como eram chamados pelo bando. Daí então, com a morte de seu principal expoente o Cangaço perdeu força e, em 1940, com a morte de Corisco, o “Diabo Loiro”, antigo chefe do subgrupo mais famoso do bando de Lampião, este importante fenômeno cultural teve seu fim decretado, mas continuou vivo no imaginário do povo nordestino.

Nascido na zona rural do município de Quixeramobim, Ceará, Klévisson conta que desde criança se acostumou a ouvir histórias dos cangaceiros contadas pelo pai, roceiro; parte destas histórias eram originárias de folhetos de literatura de cordel - histórias populares traduzidas em forma de verso em sua maioria, mas podendo ser escritas em prosa também. Fiel às suas origens, o escritor conta na HQ, que parte de sua vontade em produzir “Lampião... Era o Cavalo do Tempo Atrás da Besta da Vida” foi tentar apagar a imagem dos cangaceiros vistos na ficção como “vaqueiros americanos ou tupis fazendo a dança da chuva e fumando cachimbos da paz”, como expõe. “O principal cuidado que tive foi de não fazer uma coisa estereotipada como ocorre, geralmente, com as pessoas que procuram falar do que não conhecem. Por outro lado, foi muito prazeroso. Pois todo esse universo da cultura popular está contido em tudo que faço e

a nordestinidade é sangue que corre em minhas veias”, explica o cartunista.

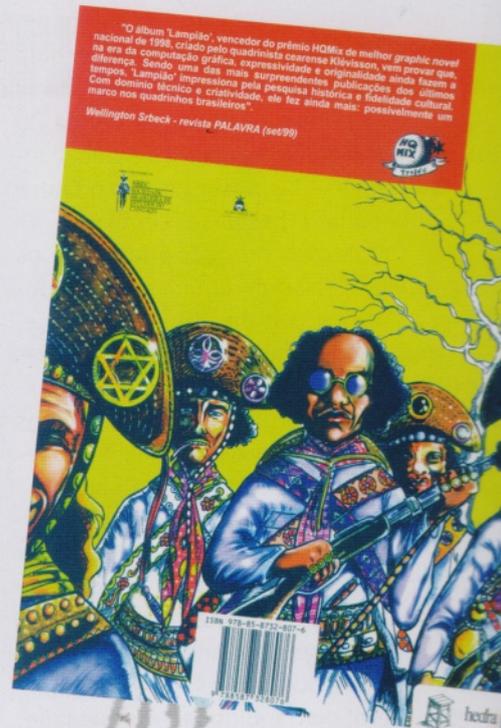
Expondo bem o contexto histórico da época, Klévisson intercala três narrativas em sua HQ: a primeira, com o narrador descrevendo as situações - o contexto histórico da época ou os acontecimentos e as divagações que cercam Lampião; a segunda, com uma família atual nordestina que prosa acerca do mito do famoso cangaceiro; e por último, ele volta no tempo e mostra diálogos e passagens ocorridas com o principal nome do Cangaço Brasileiro e os personagens daquele tempo.

A principal marca da história de Klévisson - também poeta de cordel - é o fato dele ter reproduzido com fidelidade o vocabulário do homem sertanejo da época. “Vixe! Ando mei distorrido, cum reumatismo danado... Chega di tanto ribuliço no ôco du mundo”, trechos como esse pensamento de Lampião são comuns na obra, tanto por parte dos personagens quanto do narrador. Além da história do capitão Virgulino, o escritor aproveitou de sua vasta pesquisa e criou no início da HQ um apanhado que mostra os principais nomes do Cangaço. Já no final, montou um roteiro contendo os principais objetos, tipos, costumes e peculiaridades oriundas do sertão nordestino.

Mesmo com toda polêmica em torno do nome de Lampião, a obra já vendeu, desde que foi produzida, cerca de 600.000 exemplares, segundo Klévisson. Figura controversa, tida por alguns como bandido e para outros como herói e justiceiro, o maior cangaceiro da história é sinônimo de polêmica até mesmo na região onde marcou época. “O Nordeste até hoje diverge com relação ao mito Lampião. Uns acham que ele foi herói, outros que ele foi bandido, já outros acham que ele foi um pouco das duas coisas. Eu, particularmente, acho que já não importa tanto o que ele foi. Lampião foi um capítulo marcante da nossa história e da nossa cultura e isso já é suficiente”, afirma Klévisson.

Para o escritor, parte dessa marginalização acerca dos cangaceiros é decorrente dos poderes da mídia da época e que influencia opiniões até hoje. “A imprensa muitas vezes defende os interesses de um

quadrinhos LAMPIÃO



determinado grupo econômico, de preferência os interesses de quem tem dinheiro e poder. Os cangaceiros eram oriundos, geralmente, das classes menos favorecidas e abandonadas pelo poder público. Eles faziam suas próprias leis e por isso viviam à margem da sociedade. Seria curioso se algum jornal da época ficasse ao lado de pessoas simples como os cangaceiros”, diz o cartunista.

Após serem baleados, Lampião, Maria Bonita e os outros nove integrantes de seu bando (cerca de quarenta conseguiram escapar) tiveram suas cabeças cortadas, e por trinta anos elas percorreram o Brasil servindo como peças de exposição – um prêmio para os poderosos da época. Só após um apelo na justiça de familiares dos cangaceiros, é que a prática foi banida e as partes puderam ser devidamente enterradas. Por falar nisto, o que gera muita dúvida e que é rapidamente exposto na obra é se Lampião morreu ou não; antes de cortarem sua cabeça reza a lenda que a tal cabeça, vítima de uma coronhada, não era de Lampião, mas sim de um dos seus sócios, que diziam ele possuir muitos. Na época - e até hoje - muita gente acredita que Lampião não tenha morrido e tenha conseguido escapar naquela ocasião. Há relatos que após o incidente, Lampião fugiu e mais tarde se

Quadrinhos

LAMPIÃO

estabeleceu, com outra identidade e uma vida diferente, em uma cidade de Minas Gerais. Tal hipótese pode ser conferida no livro de José Geraldo Aguiar, "Lampião, o Invencível: Duas Vidas, Duas mortes o Outro Lado da Moeda" (Thesaurus, 2009).

Criminosos ou não, é fato que os cangaceiros deixaram uma enorme contribuição para a cultura dos dias de hoje. "Os cangaceiros ditaram uma moda, deixaram um cancionário próprio, danças típicas como o xaxado... E foram personagens centrais na literatura de Cordel, no artesanato, nas artes plásticas, no cinema... O Brasil não seria o Brasil que é, culturalmente falando, se não fosse o Cangaco. Lampião, em toda parte do mundo, é reconhecido como um ícone da brasilidade, assim com Carmem Miranda, Airton Sena e outros", conta Klévisson.

Herói ou bandido, ao que se sabe, Lampião - mesmo advindo de família hu-

milde, um dos principais motivos que levavam um indivíduo a tornar-se cangaceiro - só entrou pra vida de cangaceiro após militares da época assassinarem seu pai. Virgulino jurou vingança, mas no fundo, como fica claro na obra, ele queria ter seguido outro caminho. "Nunca qui na vida fosse preciso brigá. Apesar di tê intriga, gostava de trabaiá. Mas hoje sô cangacêro i infrentarei u balsêro intê alguém mi matá."

Opinião semelhante tem o criador da história. "A justiça no Brasil continua fazendo vistas cegas para julgar os poderosos e enxergando demais para julgar os menos favorecidos. Na época de Lampião, o pobre que clamava por justiça, tinha que fazê-la com as próprias mãos. Lampião foi um produto do meio. Um nordestino de fibra, que mesmo sendo um fora da lei sabia honrar sua palavra. Comparado a certos políticos brasileiros, Lampião foi um santo", sentencia Klévisson.

Os tempos mudaram, mas o Nordeste e o Brasil continuam a produzir novos Lampiões, agora mais armados do que nunca, contra um inimigo que não dá mostras que irá ser derubado tão cedo: a injustiça social. ■



LAMPIÃO

...ERA O CAVALO DO TEMPO ATRÁS DA BESTA DA VIDA



*"Acontece hoje e acontecia
no sertão
quando um bando de macaco
perseguiu Lampião
E o que ele falava muitos hoje
ainda falam*

*"Eu carrego comigo: coragem,
dinheiro e bala!"*

*Em cada morro uma história
diferente*

*Que a polícia mata gente inocente
E quem era inocente hoje já virou*

bandido

*Pra poder comer um pedaço de
pão todo fudido*

Banditismo por pura maldade

Banditismo por necessidade

*Banditismo por uma questão
de classe"*

*Chico Science – Banditismo por
uma questão de classe*

Nota

Pelo tempo da publicação, ela se encontra indisponível no site da Editora Hedra e em alguns grandes portais de compra da internet, entretanto, de acordo com nossas pesquisas, ela ainda pode ser encontrada em sites como a Livraria Folha, Livraria Cultura, Cia dos Livros, além de sebos (físicos ou virtuais) e na biblioteca mais próxima. Boa leitura!

Ano 1 nº 0

DESVIO

Onde a contramão é permitida



PADEIRO DELIVERY

Resistindo ao tempo e a
modernidade

INSECTOR SUN

O primeiro tokusatsu
nacional

CANGAÇO DESBRAVADO

A história de Lampião
contada nos quadrinhos